

Prefácio a José Antonio Martin Afonso (2009). *Protestantismo e Educação. História de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição do Séc. XIX.*

1. Em *Protestantismo e Educação. História de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição do Séc. XIX*, Martin Afonso propõe-se dar a conhecer a emergência e desenvolvimento das comunidades protestantes ou evangélicas em Portugal, e argumenta que tal movimento constituiu uma alternativa desenvolvimentista. Por iniciativa própria ou em parceria com outros investigadores, este autor tem vindo a investigar e a dar a conhecer as diversas facetas (ideológica, religiosa, económica, social, educacional) daquele movimento. Reportando a um período histórico de grande transformação e de aceleração das mudanças geradas pelo liberalismo, pela industrialização, pelo urbanismo, no Portugal oitocentista, o contraste entre o novo e o velho, entre o rural e o urbano, acentuou-se a partir da segunda metade do século XIX.

Para Martin Afonso, a noção de alternativa, ainda que circunscrita nos planos espacial e sociocultural, esclarece-se em si mesma e por referência à ortodoxia e ao outro. A ortodoxia reporta ao Portugal rural, arcaico na sua materialidade, censitário e excludente na participação cívica; o outro é o catolicismo conservador e confundido com o poder político. A contextualização, o contraste e a relevância da alternativa são esclarecidas pelo autor, através de uma abordagem do geral para o particular. Assim, ele entretetece um contexto espaço-temporal, e utiliza conceitos amplos, abertos à interdisciplinaridade – em que o educacional constitui o vector estruturante.

Com efeito, como visível no índice da tese que agora sai a público, o autor dá nota de três preocupações fundamentais: uma visão ampla e consequente da modernidade; a caracterização do Portugal oitocentista; a alternativa protestante (singularidade e adequação ao caso português). Dentro desta última, a estratégia pedagógica (constituída pelo modelo escolar aplicado em algumas escolas elementares e de outros graus de ensino) serviu os diferentes públicos, em distintas zonas do País, ainda que com mais incidência nas zonas metropolitanas de Lisboa e Porto. Martin Afonso historia o contexto, os objectivos, os modos de implantação e processos de acção, o significado histórico.

2. Data de meados do século XIX a organização em Portugal das primeiras comunidades «acatólicas», fundadas por missionários anglicanos, presbiterianos, metodistas, baptistas. Em pouco tempo, a pregação e a difusão editorial abriram lugar a outro tipo de iniciativas: Escolas Dominicais; Uniões Cristãs da Mocidade; Ligas de Esforço Cristão; escotismo. Dando curso à Revolução Liberal e aspirando posicionar-se no ciclo de industrialização e modernização, o Portugal de Oitocentos ficou marcado pela controvérsia político-ideológica e pelos primeiros pólos de industrialização associados ao urbanismo. Contrastando com o Portugal rural, as cidades de Lisboa, Porto e Coimbra, unidas pelo corredor viário e ferroviário do litoral,

polarizavam a renovação de ideias e povoavam-se de uma burguesia letrada, voltada para o exterior, com formas de vida e hábitos culturais urbanos.

Era nas cinturas industrializadas de Lisboa e Porto e nos núcleos produtores de matéria-prima que a mecanização de produção se intensificava, substituindo a produção artesanal e dando origem às primeiras concentrações de um proletariado oriundo do Portugal rural. Geradas no cenário da liberalização e da revolução industrial inglesa, as novas dinâmicas de missionação, alimentadas por novas formas de participação, de sociabilidade, e ancoradas no mutualismo e na proximidade espiritual, encontravam junto dos novos públicos e nesses espaços em urbanização, oportunidade e acolhimento, favoráveis à germinação e expansão. A Modernidade ficou assinalada pela modernização, secularização e laicização. Ocupando o vazio deixado pela Igreja Católica Romana (lenta a perceber e a integrar a mudança), interpretando as angústias, instalando-se e dando sentido às novas circunstâncias, os movimentos religiosos de inspiração protestante comportavam uma mobilização social e asseguravam a conciliação entre os indivíduos e as neo-comunidades. A assembleia eclesial trazia a estabilidade espiritual. O fomento de uma escrituração própria e de uma economia mutualista e de práticas assistenciais assegurava o conforto económico e social.

3. As experiências concretas estudadas por Martin Afonso são a fundação da Igreja Lusitana e a acção de Diogo Cassels na zona de Vila Nova de Gaia, muito especificamente na Escola de Torne.

Após dar a conhecer as experiências protestantes de inspiração anglicana (que, por meados do século XIX ocorreram no Funchal, em Lisboa e no Porto), o autor concentra-se no movimento que, tendo tido início na década de sessenta, se prolongou até aos anos trinta do século XX. Nesse longo período, os protestantes portugueses levaram a cabo uma diversidade de iniciativas com incidência na dimensão religiosa e no factor educativo, convergindo numa pragmática crítica.

A sistematicidade e a coerência programática na resposta à diversidade etária e à complementaridade entre alfabetização, escolarização, formação profissional, educação, prática religiosa, obtidas e realizadas através de um dispositivo cultural, material e organizacional (que incluía Escolas Diárias, Escolas Dominicais, Uniões Cristãs da Mocidade, Ligas do Esforço Cristão e organizações Mutualistas e Assis), levam o autor a falar de um «ciclo virtuoso» (p. xxx). A genealogia dessa movimentação remete para as comunidades missionárias fundadas em Portugal ainda na primeira década do século XIX. Mas a intensidade constitutiva e a relevância da acção ficaram sinalizadas e caracterizadas na difusão dos saberes seculares e teológicos, na atitude ética, que eram veiculadas pela cadeia organizacional que ia das famílias à cidadania, ao civismo.

A comunidade anglicana de Lisboa teve origem na missão de Vicente Gómez y Tojar (de origem espanhola e membro da European Missionary Society), que chegou a Lisboa em 1837. Foi fundada uma congregação de rito anglicano, instalada na Capela da Propagação Evangélica do Filho de Deus, na Rua do Almada, tendo aquela comunidade estado activa entre 1839 e 1870. Ao desembarcar no Funchal, em 1838, Robert Reid Kalley, médico escocês, deu início a um movimento filantrópico, assistencial e alfabetizador, que, em breve, lhe permitiu dar curso à sua vocação missionária como pastor da Igreja Livre da Escócia, ramo presbiteriano. Habilitou professores, fundou 17 escolas elementares – com ensino infantil (diurno) e ensino para adultos (nocturno), pelas quais, entre 1839 e 1845, passaram mais de 2500 alunos. Em consentâneo com esta obra, Kalley levava a cabo uma intensa pregação, quer em reuniões evangélicas, quer pela difusão de folhetos de propaganda religiosa. Perseguido e acusado pela hierarquia católica de “heresia calvinista”, foi preso. Em 1844, em situação de clandestinidade, fundou a Igreja Presbiteriana do Funchal.

4. Nascido em Gaia, de uma família inglesa ligada ao sector industrial da têxtil, Diogo Cassels (1844-1923) iniciou a sua acção religiosa em 1866, organizando reuniões evangélicas. Detido em 1868, sob acusação de desrespeito pela religião do Estado, foi liberto. Nesse mesmo ano fundou a Escola de Torne destinada ao ensino elementar, creche, aulas nocturnas para adultos e cursos secundários. Fundou uma sociedade mutualista e uma caixa económica para operários; instalou um Gabinete de Leitura, com uma biblioteca e com jornais diários. Na acção de Diogo Cassels, que começou ligado à Igreja Metodista e que, em 1880, aderiu à Igreja Lusitana de Matriz Anglicana, fundiam-se escola e igreja. Em 1901, inaugurou no Arco do Prado (Vila Nova de Gaia) outra escola e igreja, que, tal como as de Torne, foram edificadas a expensas próprias e com donativos angariados em Portugal e em Inglaterra.

Cassels fundou e dirigiu, durante mais de três décadas, o jornal *Egreja Lusitana*, no qual, para além de divulgar as actividades da Escola do Torne, publicou, entre 1897 e 1898, *A Reforma em Portugal* (editada, em 1906, sob o formato de livro). Por solicitação sua, e para dar assistência à comunidade do Torne, em 1871, foi fundada, no Porto, a Sociedade Metodista Wesleyana, confiada ao Rev. Robert H. Moreton. Daqui foi editado, a partir de 1877, o jornal *A Reforma. Folha Evangélica*. Entretanto, em Lisboa, alguns padres egressos do catolicismo romano fundavam as suas próprias comunidades de inspiração anglicana, vindo a convergir na Igreja Episcopal Reformada em Portugal, formalizada, em 1880, como Igreja Lusitana Católica.

5. Sob o que intitula de «proposta regeneradora para Portugal» (p. xx), Martin Afonso começa por referir a influência do pensamento de Emile de Laveleye, para quem a educação é factor de mobilização e a religião, mais que dogma, é experiência. Resumindo os pontos de vista dos protestantes portugueses, avança que «em termos conceptuais a proposta educativa lançada

não se circunscreve necessariamente à escola – apesar de indelevelmente ser esse espaço fundamental no processo de socialização -, pensando-se, pelo contrário, como um *continuum* de dispositivos, que no tempo se sucedem e num espaço concreto se justificam, não só pelos fins que visam (educar todos os membros da comunidade) como, também, assegurar a produção do cristão ideal na sua trajectória pessoal e social» (p. xx). A escola e outros locais e contextos de socialização e de cidadania surgiam como alternativa à realidade dissolvente das comunidades protestantes.

Na base do dispositivo de socialização estava o microcosmo escolar, onde Diogo Cassels praticou, para além do núcleo curricular da leitura, da escrita e da aritmética, uma pedagogia de inovação aberta à música, ao desenho, à educação física. Por contraponto às Escolas Diárias, as Escolas Dominicais mantiveram-se essencialmente catequéticas. No decurso do ano, estas uniões assumiam a realização de vários eventos de âmbito comunitário. A par destas estruturas formais e para públicos mais adultos, o escotismo continuava a ser uma instância cívica e de regeneração moral. De abrangência total, as Ligas do Esforço Cristão eram barómetro da própria igreja, posto que visavam mobilizar e promover a auto-educação, com reflexo nos domínios psicológico, ético, económico, com vista à inserção e à reforma social.

Factor fundamental no ânimo e na agregação desta orgânica e desta sociabilidade era a leitura, designadamente a leitura das publicações periódicas distribuídas por ardinhas e *colportores*. Nesse sentido, foi fundamental, entre 1874 e 1940, a publicação infanto-juvenil *O Amigo da Infância*. A partir de 1934, esta publicação tornou-se órgão oficial das Escolas Dominicais. Mas, na verdade, desde a sua fundação que ela se destinava a proporcionar uma regularidade de leitura, alimentando as Escolas Dominicais. Basicamente publicada em prosa, «a publicação contou, ao longo da sua existência, com a colaboração regular de 87 autores (37 mulheres e 47 homens), muitos dos quais elementos importantes do movimento protestante, e por transcrição incluiu textos de 75 personalidades que iam desde Victor Hugo ou Tolstoi até Camões ou Eça de Queiroz, incorporando ainda textos de inúmeros pedagogos portugueses» (p. xx).

6. A obra de Diogo Cassels integra um intenso e bem mais amplo movimento de evangelização e conversão, de âmbito nacional e de inserção internacional, levado a efeito designadamente pelas Associações Cristãs. Dando consequência à divulgação do livro, da imprensa e do folheto, as conferências e os debates promovidos pelas Uniões abriam lugar à democratização do saber. Conciliavam as dimensões espiritual, intelectual, física, educativa, social, recreativa. Conclui Martin Afonso que os protestantes «dessacralizavam as igrejas tornando-as centros comunitários de cultura e fizeram das Uniões uma inequívoca fonte de pensamento constante e de captação de todos aqueles que procuravam um sentido para a contemporaneidade» (p. xx). Entre 1908 e 1918, a União Cristã Central da Mocidade de Lisboa

promoveu vinte e seis debates sobre questões da actualidade. Nesses debates havia lugar à argumentação em distintos sentidos; estava presente um júri a quem competia orientar as conclusões.

Argumenta Martin Afonso que «a raiz moderna do programa evangélico é a possibilidade de difundir uma consciência que seja crítica, que interpele, que seja emancipada; em suma que contribua para uma sociedade secularizada» (p. xx). Fazendo da escola uma entrada para o universo da formação comunitária dos membros das Igrejas, os protestantes valorizaram, no entanto, uma escola neutra e laica, empenhada na salvaguarda da paz social e contribuindo para o futuro da Nação. Com efeito, conclui: «o que foi concebido como um modelo educativo que transformaria o cidadão num evangélico, encontra nas particularidades da realidade portuguesa, tradução num modelo educativo que pretende formar um cidadão liberal, ilustrado e implicado num projecto democrático» (p. xx). A crise da República foi também a desactualização desta proposta.

É tudo isto que Martin Afonso historia e que agora põe ao alcance de especialistas e outros leitores. Trata-se de um trabalho rigoroso, criativo e profusamente documentado que, através de um cuidado labor discursivo, resgata uma parte da História de Portugal que continuava, inadvertida ou intencionalmente, mergulhada no esquecimento. É um estudo pioneiro, bem documentado e que para além do mérito de dar a conhecer um tema e uma experiência histórica relevante e injustamente ignorada, situa o caso português no quadro internacional.

Lisboa, 30 de Março de 2009

Justino Magalhães